



Avaliação do Nível de Estresse da Equipe de Enfermagem em Terapia Intensiva

Evaluation of Stress Level Team Nursing in Intensive Care

Patrícia Costa dos Santos da Silva¹
Cibelle Barcelos Filipini²
Bárbara de Oliveira Prado³
Evelise Aline Soares⁴
Gema Galgani de Mesquita Duarte⁵

1. Enfermeira. Doutoranda em Ciências, Área Enfermagem Fundamental, pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP/USP). patriciacostaunifenas@hotmail.com
2. Enfermeira graduada pela Universidade José do Rosário Vellano. UNIFENAS/ Alfenas - MG. cibellebarcelos@hotmail.com
3. Enfermeira. Mestranda em Enfermagem pela Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL/ Alfenas – MG. barbaraprado89@hotmail.com
4. Fonoaudióloga. Doutora em Anatomia Humana. Departamento de Anatomia. Universidade Estadual de Campinas. UNICAMP. evelise.soares@unifenas.br
5. Psicóloga. Doutora em Saúde da Criança e do Adolescente. Departamento de Psicologia. Universidade Estadual de Campinas. UNICAMP. Email: gemagalgani1@gmail.com

Recebido em julho de 2012
Aceito em setembro de 2012

Correspondência:

Cibelle Barcelos Filipini
End.: Rua Padre João Batista, 798 Centro
CEP: 37.130 – 000
Alfenas – MG
E-mail: cibellebarcelos@hotmail.com
Tel: (35) 9162-0298

RESUMO

Objetivo: Avaliar o nível de estresse da equipe de enfermagem que atua em Terapia Intensiva, em um Hospital Universitário do Sul de Minas Gerais. **Materiais e Métodos:** Trata-se de um estudo descritivo, transversal, de abordagem quantitativa, aprovado pelo Comitê de Ética sob o Parecer nº 48/2011, desenvolvido em uma Unidade de Terapia Intensiva. A amostra constituiu-se de 20 profissionais de enfermagem. Para coleta de dados utilizou-se um questionário com questões semi-estruturadas e o Inventário de Sintomas de Stress para adultos de Lipp. **Resultados:** Verificou-se que a maioria dos sujeitos encontra-se na faixa etária de 20 a 30 anos (50%). Diante das situações de estresse, notou-se que 55% dos profissionais encontram-se na fase de resistência. A equipe considerou muito desgastante o relacionamento com outras unidades e supervisores (15%), a previsão e reposição de materiais (25%), assistência de enfermagem (10%) e as condições de trabalho (10%). **Conclusão:** O estudo demonstra que a maioria dos profissionais de enfermagem atuante em terapia intensiva, apresenta sinais e sintomas de estresse, principalmente, na fase de resistência.

Palavras chave: Estresse Ocupacional, Enfermagem, Unidade de Terapia Intensiva

ABSTRACT

Objective: To evaluate the stress level of the nursing team that works in the Intensive Care Unit in a School Hospital in southern Minas Gerais. **Materials and Methods:** This is a descriptive transversal study with a quantitative approach, approved by the Ethics Committee under the Opinion n. 48/2011, developed in an intensive care unit. The sample was consisted of 20 nurses. For data collection a questionnaire with semi-structured questions and the Symptoms of Stress Inventory for adults Lipp was used. **Results:** It has been found that most subjects are aged 20 to 30 years (50%). In the face of stressful situations, it was noted that 55% of professionals are at the stage of resistance. The team considered to be very stressful the relationship with other units and supervisors (15%), forecasting and replenishment of materials (25%), nursing care (10%) and working conditions (10%). **Conclusion:** This study has shown that the majority of nursing professionals who work in intensive care have signs and symptoms of stress, particularly at the stage of resistance.

Key words: Occupational Stress, Nursing, Intensive Care Unit

INTRODUÇÃO

Acredita-se, cada vez mais, que alguns fatores desencadeantes do estresse vêm comprometendo a qualidade de vida do indivíduo nas diversas dimensões: profissional, social e biológica. O estudo da manifestação do estresse ocupacional entre enfermeiros pode ajudar a compreender melhor e a esclarecer alguns problemas enfrentados pela profissão.¹

A enfermagem é considerada uma profissão que sofre o impacto total, imediato e concentrado do estresse, que advém do cuidado constante com pacientes críticos, situações imprevisíveis e execução de tarefas, por vezes, angustiantes, o que é comum nas Unidades de Terapia Intensiva (UTI).

A UTI é percebida pela equipe que nela atua, assim como por pacientes e familiares, como um dos ambientes mais agressivos, tensos e traumatizantes do hospital. O tipo de instituição, as condições do ambiente de trabalho, a categoria profissional e a carga horária são causas relevantes na vida dos trabalhadores de enfermagem e estão diretamente associadas à percepção do estresse ocupacional.²

A ausência de controle sobre o próprio trabalho, não só colabora para o surgimento do estresse, como também, na maior parte dos casos, prolifera o sentimento de insatisfação profissional.² Devido à complexidade peculiar de suas atividades, os cuidadores precisam estar atentos a sua saúde física e mental, pois disso depende a qualidade de seus atendimentos.³

O estresse geralmente é visto como algo negativo, que acarreta prejuízo ao indivíduo.¹ Entretanto, determinado nível de estresse se faz necessário ao organismo, pois contribui para um melhor desenvolvimento das

funções orgânicas e psíquicas, como crescimento e criatividade.⁴

Ainda que a enfermagem tenha sido classificada como a quarta profissão mais estressante, pela *Health Education Authority*, poucas são as pesquisas que procuram investigar os problemas associados ao exercício da profissão do enfermeiro no Brasil.¹

Diante da problemática evidenciada, este estudo tem como objetivo avaliar o nível de estresse dos enfermeiros atuantes em uma Unidade de Terapia Intensiva, contribuindo desta forma, não somente para o enriquecimento científico, mas também para a compreensão das implicações do estresse no cotidiano desses profissionais.

MATERIAIS E MÉTODOS

Estudo descritivo, transversal, de abordagem quantitativa, desenvolvido em uma Unidade de Terapia Intensiva, do sul de Minas Gerais, Brasil, constituído por 20 profissionais de enfermagem.

Para a coleta de dados, utilizaram-se dois instrumentos: um questionário auto-avaliativo, contendo questões semiestruturadas referentes a dados sócio demográficos, e o Inventário de Sintomas de *Stress* para adultos de Lipp (ISSL). O presente instrumento foi validado em 1994, e tem sido utilizado em dezenas de pesquisas e trabalhos clínicos na área do estresse. Ele avalia a presença ou não de estresse, bem como seu nível, por meio de um modelo de três fases denominadas: Alerta, Resistência e Exaustão, apontando a predominância de sintomas físicos e psicológicos, ou ambos. As fases do estresse são descritas da seguinte forma: Na fase de Alerta, o organismo é exposto a uma situação de tensão e se prepara para a ação, tendo como algumas

reações, a taquicardia, a tensão muscular e sudorese. Na fase de Resistência, o sujeito automaticamente utiliza da energia adaptativa para se reequilibrar, podendo apresentar sintomas como, ansiedade, insônia, irritabilidade. Na fase de Exaustão, as doenças aparecem de forma mais intensa e grave, tanto em nível psicológico, como também em nível físico.⁵

O ISSL apresenta três quadros que contêm sintomas físicos e psicológicos relacionados a cada fase do estresse. O número de sintomas físicos é maior que os psicológicos e varia de fase para fase. No total, o ISSL inclui 34 itens de natureza somática, e 19, de natureza psicológica.⁵

O projeto de pesquisa foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade José do Rosário Vellano, sendo que após sua apreciação, foi aprovado sob o Parecer n. 48/2011. Ao mesmo tempo, solicitou-se à direção do Hospital em questão, a autorização para a realização do presente estudo. Os participantes foram conscientizados quanto aos objetivos do trabalho e assegurados quanto aos preceitos éticos, inclusive o anonimato, sendo necessária a assinatura do

Termo de Consentimento Livre Esclarecido, conforme a Resolução 196/96 que trata de pesquisa envolvendo seres humanos.⁶ Os critérios de inclusão e exclusão foram: ser membro da equipe de enfermagem da Unidade de Terapia Intensiva; ser funcionário do referido serviço; ter disponibilidade para participar do estudo; aceitar participar voluntariamente da pesquisa.

Após a coleta de dados, os mesmos foram analisados e apresentados através de tabelas com valores absolutos e percentuais. Para verificar a associação entre o nível de estresse, a idade dos profissionais e o tempo de trabalho, os dados foram inseridos no Software R e submetidos à análise estatística, por meio da aplicação do Teste Exato de Fisher, considerando o nível de significância de 5% ($p < 0,05$).

RESULTADOS

Entre os 20 enfermeiros estudados, atuantes em Unidade de Terapia Intensiva, 55% (11 enfermeiros) apresentaram algum sintoma de estresse (Tabela 1).

Tabela 1 – Frequência de sintomas de estresse entre os enfermeiros atuantes em Unidade de Terapia Intensiva em Alfenas, MG.

Estresse	N	%
Presença de estresse	11	55
Ausência de estresse	9	45
Total	20	100

A idade dos participantes variou entre 20 a 59 anos, sendo a faixa etária prevalente de 20 a 30 anos (50%), com predominância significativa do sexo feminino (60%). Em relação ao estado civil, 50% dos entrevistados

são casados, 45% solteiros e 5% corresponde a outros (divórcio).

Percebeu-se em relação à categoria profissional, que o contingente maior é de técnicos de enfermagem (80%), em comparação aos enfermeiros (20%). Quanto ao tempo de

formado, 45% dos participantes tem entre 2 a 5 anos de formado, 40% tem entre 6 a 10 anos, 10% de 11 a 15 anos e 5% possui mais que 16 anos de formado.

Em relação à permanência na profissão, 50% referiram de 3 a 8 anos na ocupação atual e quanto ao turno de trabalho, 25% atuam de manhã, 30% à tarde e 45% à noite, sendo que no

período da noite há alternância entre os profissionais de enfermagem.

Os profissionais de enfermagem foram questionados sobre suas condições de trabalho e atividades desempenhadas na Unidade de Terapia Intensiva, a fim de avaliar sua relação com o nível de estresse causado e as respostas são apresentadas na Tabela 2.

Tabela 2 – Classificação, segundo os enfermeiros avaliados, de suas atividades desempenhadas e condições de trabalho. Alfenas/MG, 2011

Atividades desempenhadas e condições de trabalho	N	%	p
Como classifica o relacionamento com outras unidades supervisoras			
Pouco desgastante	12	60	
Médio	5	25	
Muito desgastante	3	15	
Total	20	100	
Como classifica as atividades de previsão e reposição de materiais e controle de equipamentos dentro da unidade			
Pouco desgastante	7	35	p=0,07
Médio	8	40	
Muito desgastante	5	25	
Total	20	100	
Como classifica a assistência de enfermagem prestada ao paciente			
Pouco desgastante	14	70	
Médio	4	20	
Muito desgastante	2	10	
Total	20	100	
Como classifica as condições de trabalho dentro da Unidade de Terapia Intensiva			
Pouco desgastante	7	35	
Médio	11	55	
Muito desgastante	2	10	
Total	20	100	

A equipe considerou muito desgastante o relacionamento com outras unidades e

supervisores (15%), a previsão e reposição de materiais (25%), assistência de enfermagem

(10%) e as condições de trabalho (10%) e 40% classificaram como médio ou pouco desgastante tais atividades.

Os níveis de estresse foram avaliados por meio dos dados coletados pelo Inventário de Sintomas de *Stress* para adultos de Lipp (ISSL) e estão apresentados na Tabela 3.

Tabela 3 – Distribuição da amostra, segundo as fases do estresse. Alfenas/MG, 2011.

Fases do Estresse	N	%
Alerta	3	15
Resistência	11	55
Exaustão	4	20
Não apresenta sintomas de estresse	9	45

Nota: houve mais de uma fase por sujeito observado

Diante das situações de estresse, verificou-se que 15% dos profissionais encontravam-se na fase de alerta, 55% na fase de resistência, 20% na fase de exaustão.

As diferentes fases de estresse observadas nos profissionais de enfermagem foram agrupadas segundo suas idades e tempo de trabalho, não sendo encontradas diferenças estatisticamente significativas entre esses parâmetros (Tabela 4).

No entanto, pode-se observar que os profissionais com maior tempo de trabalho na Unidade de Terapia Intensiva (de 2 a 13 anos), foram os que mais apresentaram sintomas de estresse, seja na fase alerta, resistência ou exaustão, enquanto os profissionais de enfermagem mais novos no serviço (menos de 2 anos) não apresentaram qualquer sintoma de estresse, quando avaliados pelo Inventário de Sintomas de *Stress* para adultos de Lipp (ISSL).

Tabela 4: Distribuição das fases de estresse segundo idade e tempo de trabalho na unidade. Alfenas, MG, 2011.

	Fases do Estresse									
	Alerta		Resistência		Exaustão		S/sintomas		P	
	N	%	N	%	N	%	N	%		
Idade										
20 a 30	2	10	5	25	3	15	5	25		
31 a 40	1	05	5	25	1	05	2	10		
41 a 50	0	00	1	05	0	00	1	05	p= 0,95	
Acima de 50	0	00	0	00	0	00	1	05		
Total	3	15	11	55	4	20	9	45		
Tempo de trabalho na unidade										
Menor que 2 anos	0	00	0	00	0	00	2	10		
2 a 7 anos	1	05	8	40	2	10	3	15		
8 a 13 anos	2	10	3	15	2	10	4	20	P= 0,43	
Total	3	15	11	55	4	20	9	35		

Nota: Houve mais de uma resposta por entrevistado

DISCUSSÃO

As análises do presente estudo revelaram percentual significativo (55%) de enfermeiros atuantes em Terapia Intensiva, que apresentam sintomas de estresse, sendo a fase

de resistência, a mais prevalente entre os participantes. Resultados semelhantes demonstraram a predominância de sintomas, tanto físicos, quanto psicológicos na fase de resistência.^{5,7,8,9}

Embora a constatação de estresse entre os profissionais tenha sido percebida, a forma como cada um expressa seu desequilíbrio pode variar, inclusive em função de estratégias de enfrentamento que desenvolvem e conseguem aplicar.¹⁰

A incidência de sintomas físicos e psicológicos sugere que as fases de estresse apresentadas pelos participantes podem ter relação com a percepção de sua situação, uma vez que trabalho direto com pessoas é considerado um agente estressor de grande magnitude, devido aos problemas e riscos que apresentam.¹⁰

Embora as situações que, eventualmente desencadeiam uma maior atenção e desgaste, sejam as mesmas que causam estresse entre os diferentes profissionais de enfermagem, alguns enfermeiros as encaram como desafio e até mesmo como motivação, para o desenvolvimento de suas atividades, o que pode explicar a ausência de sintomas de estresse em nove (45%) dos participantes deste estudo.

Apesar de ser considerado um setor que exige alta demanda psicológica, a Unidade de Terapia Intensiva permite ao trabalhador ter uma ampla possibilidade de decisão sobre como e quando desenvolver suas tarefas, criando estratégias para usufruir de toda sua potencialidade intelectual.¹¹

Diante da caracterização pessoal e profissional dos 20 membros entrevistados neste estudo, percebeu-se prevalência do gênero feminino, também identificada em outras pesquisas, confirmando que o processo de feminização na enfermagem é um fato histórico.¹²

Os resultados encontrados caracterizam a amostra como uma população jovem adulta,

assinalando o perfil esperado para unidades de terapia intensiva. Dados semelhantes foram observados em outras pesquisas, nas quais a faixa etária predominante era de 20 a 30 anos.⁵

A comparação da frequência de estresse entre os grupos de idade mostrou que a faixa etária de 20 a 30 foi a que apresentou um índice de estresse mais elevado, quando equiparada com outras faixas etárias pesquisadas. É pertinente notar que a porcentagem de sintomas de estresse diminui nos grupos, com o avanço da idade. Corroborando com outro estudo, isto ocorre porque participantes mais velhos ampliam seu repertório sobre o enfrentamento de dificuldades e aumentam o senso de auto-eficácia.¹³

Em relação ao tempo de trabalho na unidade, observou-se um maior predomínio de sintomas de estresse entre os participantes com maior tempo de atuação na unidade, principalmente aqueles com tempo de trabalho entre 2 a 7 anos. Tal fato não era esperado, uma vez que alguns autores sugerem que o tempo de trabalho pode ser um fator positivamente relacionado ao nível de estresse, visto que, com o passar dos anos o indivíduo vai obtendo segurança em sua profissão, tornando-se menos vulnerável ao desgaste.¹⁴

Entre os aspectos presentes no ambiente de terapia intensiva que geram estresse na equipe, encontram-se: o conflito no relacionamento entre os profissionais, a falta de pessoal e material, o ritmo e o tempo de trabalho, o ruído constante das aparelhagens, dentre outros.¹⁵

Um bom relacionamento entre os profissionais interfere diretamente na assistência prestada e na satisfação do trabalho. A grande maioria das ocupações envolve interações entre pessoas, sejam entre colegas de mesmo nível

hierárquico, superiores e subordinados, seja entre empregados e clientes. Quando essas interações resultam em conflitos, tornam-se fonte desencadeadora de estresse.^{16,17} Entretanto, cabe ressaltar que a maioria dos entrevistados não admitiu a existência deste problema, enquanto outros referiram instabilidade nas relações entre os colegas de profissão.

Os resultados aqui apresentados sugerem que a previsão e reposição de materiais a serem utilizados, bem como o controle e manutenção dos equipamentos, relacionados ao funcionamento adequado da unidade não constitui um fator de estresse de grande relevância. A escassez de materiais e tecnologias inviabiliza a realização de muitas atividades e prejudicam o processo do cuidar. Torna-se necessário, portanto, oferecer condições apropriadas de trabalho, para que os profissionais possam executar suas tarefas livremente, evitando a sobrecarga e consequentemente, o estresse.

A enfermagem é considerada uma profissão estressante devido à vivência direta e constante com o processo de dor, morte, sofrimento, desespero, incompreensão, irritabilidade e tantos outros sentimentos e reações, que podem desencadear um processo de morbidade.¹⁸

Sabe-se que as atividades executadas na UTI são mais complexas, no entanto o atual estudo revela que a assistência de enfermagem não foi considerada pelos entrevistados um fator significativo de estresse, estando em concordância com estudos anteriores.¹⁹

Chama atenção o fato de que as condições de trabalho para o desempenho das atividades na Unidade de Terapia Intensiva foi mencionada pelos entrevistados como a principal fonte geradora de estresse. Desta forma, o ambiente físico, o nível de barulho e o tempo disponível para a realização das tarefas são aspectos que comprometem significativamente a saúde e o bem estar dos trabalhadores de enfermagem.

REFERÊNCIAS

1. Stacciarini JMR, Troccoli BT. O estresse na atividade ocupacional do enfermeiro. *Rev Latinoam Enferm*. 2001;9(2):17-25.
2. Shimidt DRC, Dantas RAS, Marziale MHP, Laus AM. Estresse ocupacional entre profissionais de enfermagem do bloco cirúrgico. *Texto & Contexto Enferm*. 2009; 18(2):330-7.
3. Carvalho L, Malagris LEN. Avaliação do nível de estresse em profissionais de saúde. *Estud Pesqu Psicol*. 2007;7(3):570-82.
4. Coronetti A, Nascimento ERP, Barra DCC, Martins JJ. O estresse da equipe de enfermagem na unidade de terapia intensiva: O enfermeiro como mediador. *Arqu Catarin Med*. 2006;35(4):36-43.
5. Rosseti MO, Ehlers DM, Guntert IB, Leme IFAS, Rabelo IS, Tosi SMVD, et al. O inventário de sintomas de stress para adultos de Lipp (ISSL) em servidores da Polícia Federal de São Paulo. *Rev Bras Ter Cogn*. 2008;8(2):108-19.
6. Brasil. Ministério da Saúde. Comissão Nacional de Ética e Pesquisa. Conselho Nacional de Saúde. Manual operacional para Comitês de Ética em Pesquisa. Série CNS – Cadernos Técnicos, série A, Normas e Manuais Técnicos. 2002; 133: 83-91.
7. Ogino K, Takigasaki T, Inaki K. Effects of emotion work on burnout and stress among human service professionals. *Shinrigaku Kenkiu*. 2004;75(4):371-7.
8. Costa M, Accioly JH, Oliveira JM. Estresse: diagnóstico dos policiais militares em uma cidade brasileira. *Rev Panamericana Salud Pública*. 2007;21(4):217-22.
9. Lipp MEN. Stress and quality of life of senior Brazilian Police officers. *Span J Psychol*. 2009;12(2):593-613.
10. Coleta ASMD, Coleta MFD. Fatores de estresse ocupacional e coping entre

- policiais civis. *Psicol USF*. 2008;13(1):59-68
11. Alves MGM. Pressão no trabalho: estresse no trabalho e hipertensão arterial em mulheres no estudo pró saúde [tese]. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz - Escola Nacional de Saúde Pública. 2004.
 12. Nápolis LM, Jeronimo LM, Baldini DV, Machado MP, Souza VA, Caruso P. Conhecimento da disponibilidade e sobre o uso da ventilação não invasiva em unidades de terapia intensiva de hospitais públicos, privados e de ensino da região metropolitana de São Paulo. *J Bras Pneumol*. 2006;32(1):29-34.
 13. Oliveira BHD, Cupertino APFB. Diferença entre o gênero e idade no processo de estresse em uma amostra sistemática de idosos residentes na comunidade. *Texto Envelhecimento*. 2005;8(2):371-8.
 14. Lautert L. O desgaste do profissional: estudo empírico com enfermeiros que trabalham em hospitais. *Rev Gauch Enferm*. 1997;18(2):133-44.
 15. Silva GGJ, Souza MLP, Goulart JE, Canêo LC, Lunardelli MCF. Considerações sobre o transtorno depressivo no trabalho. *Rev Bras Saúde Ocup*. 2009;34(119):79-87.
 16. Coronetti A, Nascimento ERP, Barra DCC, Martins JJ. O estresse da equipe de enfermagem na unidade de terapia intensiva: o enfermeiro como mediador. *Arq Catarin Med*. 2006;35(4):36-43.
 17. Murofuse NT, Abranches SS, Napoleão AA. Reflexões sobre estresse e Burnout e a relação com a enfermagem. *Rev Latinoam Enferm*. 2005;13(2):255-61.
 18. Batista KM, Bianchi RF. Estresse do enfermeiro em uma unidade de emergência. *Rev Latinoam Enferm*. 2006;14(4):534-9.
 19. Bianchi ERF. Stress entre enfermeiros hospitalares [tese]. Ribeirão Preto: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo; 1999.

Correspondência: Cibelle Barcelos Filipini - End.: Rua Padre João Batista, 798 Centro- CEP: 37.130 – 000 - Alfenas – MG - E-mail: cibellebarcelos@hotmail.com - Tel: (35) 9162-0298